

**“GRANDE SERTÃO: VEREDAS”:
AS GRANDES (IN)CERTEZAS SÃO PERIGOSAS
“THE DEVIL TO PAY IN THE BACKLANDS: THE GREAT
(IN)CERTAINLY ARE DANGEROUS”**

*Gedeon Freire de Alencar**

Resumo: O presente texto trata sobre a questão da verdade, certeza e ambiguidades existentes no sertão e os perigos e caminhos seguidos por seus habitantes. Essas questões são vistas em ambiguidades nas imagens de Deus e do diabo, dentro da obra *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa.

Palavras-chave: deus, diabo, ambiguidades existenciais

Abstract: The present text deals with the questions of truth, certainty and ambiguity existing in the Brazilian wilderness and the dangers and paths followed by its inhabitants. Those questions are seen in the ambiguities on the images of God and the devil in the novel *The Devil to Pay in the Backlands*, by Guimarães Rosa.

Keywords: god, devil, existential ambiguities

INTRODUÇÃO

É possível ter certeza da certeza? Talvez sim, talvez não.

Riobaldo em suas memórias pretende contar os acontecidos “remexendo no vivido longe alto, com pouco caroço (ROSA, 1978, p. 192). Daí ele puxa pela memória, mas não apenas relata os fatos, ele também os avalia. Na rememoração analisa as atitudes de seus companheiros, mas principalmente as suas. E mais, as suas atitudes com Diadorim. Pensa e repensa as razões e desrazões. Julga. Pretende com isso saber o que de fato foi e não verdade. Ele quer enfim, fazer com que seu interlocutor conheça sua vida.

Conto ao senhor é o que eu sei e que o senhor não sabe; mas principal quero contar é o que eu não sei se sei, e que pode ser que o senhor saiba” (ROSA, 1978, p. 245).

Então, Riobaldo “gosta de especular ideia”, portanto, não são exatamente os fatos concretos e objetivos, a historicidade crítica e documentalmente comprovada, seu objetivo. É saber se de fato sabe. É saber o sabido; o que ele quer mesmo é a verdade.

* Doutorando em Ciências da Religião — PUC-SP (gedeon@folha.com.br).

Mas uma verdade subjetiva, para encontrar uma “razão” para um amor sublime, mas perdido. “Ou quero enfiar a ideia, achar o rumozinho forte das coisas, cominho do que houve e do que não houve. Às vezes não é fácil” (ROSA, 1978, p. 192).

A palavra grega para verdade é o conceito *aletheia*. Distinto do conceito de verdade no hebraico. A palavra hebraica significa, literalmente, estar firme; já a grega¹⁴ é trazer luz, produzir esclarecimento. A hebraica tem a mesma raiz etimológica de ‘estaca fincada ao chão’. Tem um sentido pragmático de comprovação histórica, verificação historiográfica de um fato, prova concreta de um acontecimento. Já a grega, filosoficamente, tematiza a ideia de trazer conhecimento. Explanação. Não tem qualquer ideia de solidez e fidelidade, exprime bem o fato de alguma coisa a ser descoberta, desvelada, expressa e liberta das aparências. Verdade é trazer luz. Esclarecer.

Mas suas memórias esclarecem? Às vezes sim, às vezes, não.

Sua falação é uma catarse, um desabafo. Cheio de estradas, caminhos tortos, vales, montanhas, enfim, *veredas*. E elas são transitórias, mutáveis e alteráveis. No sertão, se uma vereda não é usada a mata toma conta, mas se muito usada ela permanece. Mas ao longo do tempo os passantes vão alterando as. Ademais, em suas margens arvores, frutos, animais vão e vem. Aparecem e desaparecem. Portanto, em um momento, uma *vereda* pode dizer, ou ser uma coisa; noutra momento, significar outra coisa. Daí suas memórias são cheias de “duvidação”.

Posso aquietar meu temer de consciência, que sendo bem assistido, terríveis bons-espíritos me protegem. Com gosto... como é de são efeito, ajudo com meu querer acreditar. Mas nem sempre posso. Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa. Todos puxavam o mundo para si, para o concertar concertado. Mas cada um só vê e entende as coisas dum seu modo (p. 33)
Mas sucedia uma duvidação (ROSA, 1978, p. 45).

1. AMBIGUIDADES DO SERTÃO

O sertão é bom. Tudo aqui é perdido, tudo aqui
é achado [...]

[...] o sertão é confusão em grande demasiado
sossego [...]
(ROSA, 1978, p. 470).

¹⁴ Novo Dicionário da Bíblia, SP, Ed. Vida Nova, páginas 222-223

Essa é a maior marca do sertão: ambiguidade.

A vida rural é simples, a urbana complexa? Esse simplismo é repetido em diversos momentos e por muita gente presunçosamente entendida. Da cidade, é claro. No mundo sertanejo/rural os processos de produção são arcaicos, as relações sociais primárias, as instituições poucas e pequenas, enfim, um povo simples e semi letrado com uma cultura idem. Não na cabeça de Guimarães Rosa. Aliás, “o sertão é do tamanho do mundo” (ROSA, 1978, p. 89). Não custa repetir, os sertões são grandes e as veredas multiplicadas. E, convenhamos, filosoficamente herméticas. Nem sempre decifráveis.

Ele é tudo, pois “está toda a parte”. Mas ao mesmo tempo não existe, pois o “sertão é sem lugar; não tem portas nem janelas”. O sertão não é um lugar definido, é um estado de espírito. É um modelo de vida, afinal o ele “aceita todos os nomes: aqui é Gerais, lá o Chapadão, lá acolá a caatinga” (ROSA, 1978, p. 506).

Na sua inquietação de entender a vida, ou entender-se, um poço de incoerência e inquietação afirma o “sertão é tudo incerto, tudo certo”.

Tem felicidade e beleza onde “até enterro é simples festa”, mas impregnado tristeza, dores e incertezas o “sertão tem medo de tudo”. E depois de se embrenhar em suas veredas é impossível escapar dele (lembrando ele é do tamanho do mundo). Inclusive na tentativa de mudança o “mundo quer ficar sem sertão” (ROSA, 1978, p. 305). Mas isso é impossível, presente em tudo e em todos, quando pensamos que nos livramos dele, ele reaparece.

Sertão é isso: o senhor empurra para trás, mas de repente ele volta a rodar o senhor dos lados. O sertão me produz, depois me engoliu, depois me cuspiu de quente da boa... (ROSA, 1978, p. 302).

O Sertão pode, sim, ser simples do ponto de vista da tecnologia, da produção, da arquitetura e de diferentes outros aspectos técnicos, mas jamais seria inferior na complexidade das relações sociais. A existência humana na zona rural com suas perguntas e respostas, com seus interesses e valores é tão rica e diversa como seria — e é — em qualquer outro aglomerado humano urbano, rico ou pobre, intelectual ou semi letrado.

Inclua-se neste emaranhado de tensões das relações humanas uma relação amorosa para complexificar ainda mais. E, na genialidade de Guimarães, uma relação

amorosa absurdamente enigmática de um homem com outro homem, que na verdade é uma mulher. A sublimidade deste amor em que ambos, Riobaldo e Diadorim, são ligados inicialmente apenas por laços de jagunçagem, vai ao longo da vida ficando mais fortes inclusive com atração física (ROSA, 1978, p. 592). Algo absolutamente impossível de se concretizar naquele mundo e também rejeitado pelo primeiro. Mas como símbolo máximo da ambiguidade da vida o amor permanece. A morte do segundo revela sua identidade, mas em um tempo quando não é mais possível o amor de concretizar.

Na velhice com outro amor e outra vida, o amor anterior, apesar da morte, continua presente. Por isso a saudade e velhice lhe são companheiras com suas inúmeras inquietações existências, daí, a síntese: “a saudade é uma espécie de velhice”.

2. AS NOMEAÇÕES DA INEXISTÊNCIA

Deus é Deus, simples assim: “O que Deus sabe, Deus sabe” (ROSA, 1978, p. 158). Guimarães Rosa talvez recorrendo ao monoteísmo clássico das três grandes religiões abrahâmicas — judaísmo, cristianismo e islamismo — queria nos fazer entender o divino. Ou não?

No Judaísmo, ele é simplesmente o “Eu sou”. A frase enigmática, segundo o texto bíblico, da revelação mosaica, diante da pergunta óbvia de Moisés, o divino simplesmente, diz: Eu sou.

Deus existe mesmo quando não há. Mas o demônio precisa de existir para haver — a gente sabendo que ele não existe, aí é que ele toma conta de tudo (ROSA, 1978, p. 76).

No cristianismo, convenhamos, essa deidade única é um pouco mais complexa, pois, na história dos primeiros concílios isso rende muitas disputas. Uno ou trino? Divino ou humano? Apenas divino ou apenas humano? Ademais, a teologia trinitariana — três pessoas em uma só — é explicada e aceita, apenas como dogma de fé. Explicar objetivamente é impossível.

É essa confusão de divindades ou suas presumíveis manifestações sejam pessoas ou estados, é que provoca uma nova fase de “idolatria” no norte da África, já cristianizada, e daí surge Maomé com sua radicalização de um deísmo absoluto. *Alá* não se define, não se explica, não se desenha e faz qualquer outra manifestação iconográfica.

Daí, séculos depois, Riobaldo ao falar de Deus dá algumas “pistas” de como Deus age, mas nome ele só tem um. Ao contrário do *demo* (se não errei na conta, trinta e dois vezes ele o cita) que pode ser pronunciado e se manifestar de forma múltipla. Deus pode até ser visto ou entendido também em algumas manifestações adjutórias de Nossa Senhora de Abadia, São Camilo, São Sebastião, São Cristovão, e Bom Jesus da Lapa. Mas enfim, Deus é, nominalmente, Deus. “Deus existe mesmo quando não há” (ROSA, 1978, p. 76).

Já o *demo* é abundante — pelo mesmo em nomes. Logo ele que não existe. Mas mesmo não existindo vai aparecer muito mais e de múltiplas formas. Vejamos:

Demo, capiroto, capeta, diabo, Cujo, endemoninhamento, encosto, Rinha-Mãe, Sangue-d’Outro, Muitos-Beijos, Rasga-em-Baixo, Fanchinho-Bode, Trecizinao, Azinhavre, Hermógenes, demônios dos mesmo caldeirão, o diabo, traçoeiro, Lenga-lenga, Cão, Cramulhão, o Indivíduo, o Galhardo, o Pé-de-Pato, o Sujo, o Homem, o Tisnado, o Coxo, o Temba, o Azarape, o Coisa-Ruim, o Mafarro, o Pé-Preto, o Canho, o Dubá-Dubá, o Rapaz, o Tristonho, o Não-sei-que-diga, O-que-nunca-se-ri, o Sem Gracejos, contrário, Nojo, Que-Não-Há, Belzebú, louco, o doido completo, O Sujo, Ocultador, diabo, cão, Caracães, cabrobó de cão, Demonio, Outro, cramulhão, o dêbo, carôcho, o pé-de-pato, o mal-encarado, o figura, o morcegão, o tunes, aquele, o que-não-existe, Grão-tinhoso, cão-miúdo, Lengalenga, Filho do Demo, Pactário, Bode preto, Morcegão, Xú, Dado, o Danado, Lucifér e diabinho (ROSA, 1978).

Ele não existe, mas faz muita coisa; ele não existe, mas aparece em quase todas as etapas da vida; ele não existe, mas tem muitos nomes. Nomenclatura a parte, a questão é existe ou não existe?

A questão de fato não é se Deus existe ou se o diabo inexistente. Não é existência ou inexistência de alguma transcendência, mas a imanência da razão de ser, da vida, da própria existência.

Lembrando aqui duas frases clássicas de dois outros escritores que, como Guimarães conseguiram como poucos uma análise genial da natureza humana. “Ser ou não ser, eis a questão” e “Se Deus não existe, tudo é permitido”. Riobaldo em sua elucubração filosófica justifica sua crença na existência do divino, não pela lógica do divino em si, mas pela necessidade de uma ordenação moral, da mesma forma como o personagem russo do século XIX de Dostoiévski.

Refiro ao senhor: um outro doutor, doutor rapaz, que explorava as pedras turvalinas no vale do Arassuai, discorre-me dizendo que a vida da gente encarna e reencarna, pro progresso próprio,

mas que Deus não há. Estremeço. Como não ter Deus?! Com Deus existindo, tudo dá esperança: sempre um milagre é possível, o mundo se resolve. Mas, se não tem Deus, há-de a gente perdidos no vai-vem, e a vida é burra. É aberto o perigo das grandes e pequenas horas, não se podendo facilitar — é todos contra o acaso. Tendo Deus, é menos grave se descuidar um pouquinho, pois, no fim, dá certo. Mas, se não tem Deus, então, a gente não tem licença de coisa nenhuma! Porque existe dor (ROSA, 1978, p. 76).

Existe dor e mais grave que a dor é ela não ter uma razão. Mesmo que esta razão não explique de fato, mas “facilitar contra o acaso”. O doutor, jovem e ligado a prospecção de minérios, um típico cientista materialista com a cabeça positivista do século XIX, entende o mundo como “progresso próprio”. É uma proposta de emancipação humana pela ciência. É uma tentativa de racionalização e desencantamento do mundo, como diria Weber. É uma explicação. Uma nova explicação. Científica, razoável e presumivelmente comprovável. Mas isso produz medo. Medo do medo.

Medo de não dar certo no final (o progresso científico da tecnologia nuclear que o diga...); medo da ausência de esperança, do acaso, dos vacilos, pois com Deus mesmo se “descuidando um pouquinho” se arruma no final. Medo e esperança vivem juntas, e é a imprevisibilidade da vida, a contingência dos fatos, a probabilidade dos acontecimentos e o fiozinho de esperança que a encanta esta vida.

Deus? De fato não se conhece, não se define e não se vê (sem crer). Mas a dor, sim. E ela precisa ser justificada, explicada, ressignificada. É isso que em diferentes momentos Weber fala da teodiceia do sofrimento. As camadas sociais em suas distintas concepções de mundo, em seus diferentes patamares econômicos articular alguma “teodiceia racional do infortúnio” (WEBER, 2002, p. 194) como resposta as suas necessidades e interesses.

3. O PENSAR DO PENSAnte

Como e por que uma obra sobre sertanejos com sua linguagem, crenças, desejos, sonhos, enfim, vida, tem repetidas, até onde contei, mais de trinta vezes a palavra *pensei*. Além de pensado, pensamento, e seus sinônimos, alguns eruditos, como sofisma, glosar, discernir, razão, entender, consciência, doutoração, filosofia, questionar, delongar, tino e raciocínio. Talvez fosse apenas um exercício irônico *bestagem!*

Riobaldo afirma “Sou só um sertanejo, nessas altas ideias navego mal” (ROSA, 1978, p. 30). Mal e bem. Nada muito distante, por exemplo, de um gênio grego como Sócrates, ao dizer “Só sei que nada sei” na praça conversando com o povo — escravos, inclusive — sobre o que somos, de onde vimos e para onde vamos. O jagunço tem um vocabulário exaustivo em sinônimos sobre o pensar, pois então vejamos:

Eu não sei se sei, eu fazia e mexia, e pensar não pensava. Não possuía os prazos. Eu inventei neste gosto, de especular ideia, assisado e instruído. Razão das crianças. A gente sabe, espia, fica gasturando, toda leitura e suma doutoração. Sofismado de latino. Aquietar meu temer de consciência. Querer acreditar. Mas nem sempre posso. Quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa. Ideias arrajandas. Penso, texto e explico, para o concertar concertado; entende as coisas dum seu modo; sucedia uma duvidação; Órfão de conhecença e de papeis legais; Se creio? Acho proseável; Dia de desexistir. Figurar minha ideia nisso. Voltei para os frios da razão. Sofismei. Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia. Certificar da qualidade da cabeça; me gelei por não poder palavra. Juízo regulado. Aquilo molhou minha ideia. Guardo no giro da memória. De *ás*, eu pensava claro, acho que de *bês* eu não pensei não. Quase mesmo aquilo me engrossava, desarrazoado, feito o vicio de um prazer. Minha bestice. Coisas calculosas, dei meio para duvidar. Botar na cabeça o que os livros dão e não. Não acerto no contar. Ou quero enfiar a ideia, achar o rumozinho forte das coisas, caminho do que houve e do que não houve. Me largar em duvida. Aquilo eu inteligenciava. Anúvio de uma má ideia: disideia. Não me entendeu. Se engrotou. Contar é muito, muito dificultoso. Pensamentos eu pensava. Revirei meu fraseado. Poetagem. Eu estava fechado, fechado na ideia. Eu ia pensando: em nada. Minha pessoa tomava para mim um valor enorme. Toleima. Nisso mesmo era que eu não pensava. Descarecia. Nada pega significado, em certas horas. Os pensamentos que tive foram os que nem me merecem, e eu não sou capaz de dar narração. Retrato de pessoas diversas, ressalte de conversas tolas; nós estávamos fazendo era uma razão de loucura. O que tivesse de ser, somente sendo; coisas que não cabem em fazer ideia. E daí, deu-se. Narrei miúdo; nunca posso achar o esquecimento. Fui eu? Fui e não fui. Não fui — porque não sou, não quero ser. De dentro da ideia da gente, sem razoado nem discussão. É uma coceira na mente (..) essa desinquietação que me vem. Questionei com ele, duvidando, rejeitando (..) discuti alto. Isso foi sempre o que invocou; eu careço de que o bem seja bom e o ruim ruim, que dum lado esteja preto e do outro o branco, que o feio fique bem apertado do bonito e a alegria longe da tristeza! Quero os todos pastos demarcados. Vinha ideia de tudo ser passado no futuro. Me lembrei de do não-saber; pensei na ocasião. De pensar assim me desvalendo. Devia ter principiado a pensar nele do jeito de que decerto cobra pensa. Só o que a gente pode pensar em pé — isso é que vale. Se é o que é — eu pensei — eu estou meio perdido. Acertei minha ideia: eu não podia, por lei de rei, admitir extrato daquilo. Me estorvava de direito de pensar. Delonguei, deveras. Assim ele dava balanço, inquiria, e espia; escutava com respeito, devagarinho pegava a fazer perguntas. Dissertei, inventar conversação. Sofismado.

Circunspecto. A ideia dele não arrumava. Natureza da gente não cabe em nenhuma certeza. Ideia não fraquejasse. Pensava em outras noções. Lembrar das pertinências. Perdido no provisório de lembrança. Primeira razão. Não queria nada mesmo nada, de tanto que eu queria só tudo. Uma coisa, a coisa, esta coisa: eu somente queria era — ficar sendo. Raciocinei. Duvidou com a cabeça: acertei com a verdade fiel. Estar passeando pensar medito mais nessa agênciação encoberta da vida, fico me indagando: As incertezas que tive, quer não tive; queria saber e não saber. Falso, verdadeiro, inventado. Firme, gritei, repeti. Tirei por tino. Frio em juízo legal, raciocínios. Reajo é com protesto. Rompo em embargos. Pensava curto ganho no estreito, Trabalho de ideia em aperto. Com a opinião dos outros não me assopro. Verdade que se carece de aprender ninguém não ensina: o beco da liberdade. Não disperso palavras. Penso é assim, na paridade. Estudei na ideia. Meu pensamento constante querendo entender a natureza dele. No gozo de minha ideia, turvei. No escasso, pensei. Assim e assaz eu airei meu pensamento. Amor eu pensasse. Tudo já pensei e repensei, guardo dentro daqui o resumo bem traçado. Espetar de pensamento. No átimo, supri a claridade completa de ideia. Susperei, de bestagem. Assim é que é, assim. O pensar assim produzia mal — já era invocar o receio. Não sabia pensar com poder — por isso matava. Os beócios, sem ideias. Mansas ideias. Mas havia de raciocinar as vezes, dar de rédea para trás. Especular, de afinar a cabeça, para o trabalho de imaginar maior, achar alguma outra invenção. As coisas que eu tinha de ensinar à minha inteligência. Tinha os feios olhos de todo pensar. Mente pouco, quem a verdade toda diz. Levantava a ideia maior, os prezados ditos, uma ideia tão comprida. O raciocínio constante de admiração. Estou em duvida. Todo tempo me gasta. Amolava o juízo dos outros, caceteava. Eu nunca tinha certeza de coisa nenhuma. De meu juízo eu perdi tudo. A agente só sabe bem aquilo que não entende. o que das ideias sobrava, era que ele referia. Dei tino. Sem crer, cri. Assim eu discerni, sorrateiro, muito estudantemente. A minha mente tinha puxado de arranco. Refiz o frio da ideia. Eu despropositava. Desgastei a capacidade de querer me entender em coisa alguma. Desjuízo que me veio. Cada desarte de pensamento. O ysilone dum jegeu eu era. Me persuadir. A vida da gente nunca tem termo real. Sosseguei do meu ser. O sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar. Projetos em meu espírito. A vida não é entendível. Até hoje sou homem tratado. Pessoa limpa, pensa limpo. Eu acho. A gente vive, eu acho, é mesmo para se desiludir e desmiturar. Fui louvado e dito valedor, certo nas ideias. Guardei. Pensei. Repensei. Para mim, o indicado dito, não era sempre completa verdade. Juízo de macheza. Cisme. Envenenava do juízo. Cerne era, a ideia era curta. Tantos pensamentos tive, duma viragem. Ideia minha refugava. Mas eu cá eu sei de toda consciência que tenho, a responsabilidade. Lambi ideia. Arrepiou minha ideia: eu tinha feito grande toleima. Para que tanta sensaboria toda, essas filosofias. Tirava meu poder de pensar com a ideia em ordem[...] é doideira as vezes pode ser a razão mais certa e de mais juízo! [...] o julgamento tinha dado paz à minha ideia. Ideia de tudo só ser o passado no futuro. Imaginei esses sonhos. Me lembrei de não saber. Pode raciocinar. Pensei o dito, num íterim. Na rudeza deles, tinham muita compreensão. Arranco de freio, raciocinado. Se estivesse pego numa ignorância — mas que não era de falta de estudo ou inteligência, mais de uma falta de certos estados. Não perigou: no instante, achei em, minha

ideia, adiada, uma razão maior. Desordenei de minhas ideias. Evitar aquela intelegencinha. Pensei bruto. A gente gastou o entendido. Falou muito razoável. Não baboseio. Quando cogito, quando relembro, conheço. Não glosa. Por que o sertão se sabe só por alto. Hoje-em-dia eu nem sei o que sei, e, o que soubesse, deixei de saber o que sabia. As ideias estavam descompassadas surdas, um do outro a gente desregulava. Adedentro das ideias. Sertão que se alteia e se abaixa. Quem sabe, tudo o que já está escrito tem constante reforma — mas a gente não sabe em que rumo está — em bem ou mal, todo-o-tempo reformando? Renovava a ideia. Pensei assim; mas pensei abreviado. Centro de minha confusão, por amor de ter algum claro juízo (ROSA, 1978).

Ficou muito confuso? Com idas e voltas? Riobaldo assim justifica: “Jagunço, pelo que é, quase que nunca pensa em reto” (ROSA, 1978, p. 291). E, se em mais de seiscentos paginas ele ainda não conseguiu dizer tudo, é porque “concisou”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Viver é perigoso!”. Ler um livro como este é uma das facetas perigosas da vida. Termina-se com menos certeza sobre tudo e absolutamente envolvido por uma boa angustia e uma triste satisfação.

Uma sensação de não conseguir, mas já tendo chegado. De saber sem entender nada. De conhecer desconhecidamente. Eu acho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ROSA, João Guimarães, *Grande Sertão: Veredas*. 12 ed. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1978.

WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. São Paulo, Editora LTC. 2002.